

DEPOIS DA ÚLTIMA SIRENE

Um romance de terror, zumbis e fim do mundo

JVA Editora

Capítulo 1 — A Última Sirene

O surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Helena observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Uma chuva fina que parecia cinza, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Lívia. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Davi observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um vento frio carregado de fuligem, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Lívia observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Samuel observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos abrir uma rota de fuga, fazemos agora”, disse Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistam as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Nina observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Mateus observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Helena observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Davi observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha

acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Lívia observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos decidir para onde partir, fazemos agora”, disse Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se

separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Livia. Livia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Livia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Samuel observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 2 — Quarentena Quebrada

As autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Mateus observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de

fuligem, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos encontrar combustível, fazemos agora”, disse Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Helena observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e

desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Davi observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perderem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos garantir água, fazemos agora”, disse Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Lívia observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era